

O JORNALISMO CORSÁRIO DE PIER PAOLO PASOLINI NOS ANOS 1970¹

THE CORSAIR JOURNALISM OF PIER PAOLO PASOLINI IN THE 1970'S

CLÁUDIA TAVARES ALVES

Universidade de Campinas (UNICAMP)

Resumo: Dentre as diversas atividades literárias e cinematográficas às quais Pier Paolo Pasolini se dedicou ao longo de sua carreira, seu trabalho jornalístico ganhou grande destaque entre o público em geral e a crítica especializada por ter um caráter de intervenção política. A intenção do presente artigo é buscar caminhos para compreender o que ficou conhecido como *corsarismo* em sua obra e refletir sobre a maneira como esses textos publicados em jornal passaram a fazer parte do livro *Scritti corsari*.

Palavras-chave: Pasolini; ensaísmo; jornalismo; corsarismo.

Abstract: Among all different literary and cinematographic activities developed by Pier Paolo Pasolini, his work in newspapers gained great importance with the general public and the critics because of the political intervention it represented. The purpose of this article is to search for means to comprehend the intellectual journey made by the Italian writer when he has written for a big mass media and to think about how these texts published in newspaper became part of the book *Scritti corsari*.

Keywords: Pasolini; essayism; corsair journalism.

68

Introdução

Em 1973, Pier Paolo Pasolini começou a escrever para o jornal *Corriere della Sera*², “o cotidiano italiano mais difundido e tradicional” (FERRUCCI, 1980-1981, p. 13) e “o órgão de formação e informação mais autorizado pela opinião pública daquele tempo” (GOLINO, 1980-81, p. 25). Pasolini, que nesse momento já era um intelectual conhecido na Itália por seus posicionamentos polêmicos e pela força de suas intervenções políticas, surpreendia o público em geral ao se tornar colaborador fixo de um jornal tão tradicional e conservador. Sendo assim, em um primeiro momento desse artigo, refletiremos sobre as circunstâncias de publicação desses escritos em um

¹ Este artigo é resultado da pesquisa de Mestrado “O ensaísmo *corsário* de Pier Paolo Pasolini”, financiada pela FAPESP.

² *Corriere della Sera* foi fundado em 1876 em Milão e ainda é um dos jornais mais lido na Itália.

veículo de comunicação desse porte. Na sequência, buscaremos compreender como se deu a passagem desses escritos jornalísticos para o livro *Scritti corsari*, organizado e publicado por Pasolini em 1975, o qual dá origem ao termo *corsarismo* para se referir a esse momento de sua obra.

Pasolini e o jornal *Corriere della Sera*

Em *Pasolini Requiem*, o biógrafo Barth David Schwartz conta que, durante as gravações do filme *Il fiore delle mille e una notte*, Pasolini conheceu a herdeira e um dos vice-diretores do *Corriere*. Nessa ocasião, foi convidado para contribuir para o jornal com uma coluna chamada “Tribuna aberta”, escrevendo sobre quaisquer temas que quisesse abordar. Segundo o biógrafo, esse convite inusitado fazia parte de um momento de renovação do jornal, que buscava se tornar “menos abafado e mais cosmopolita”.

Em entrevista a Paolo Muraldi, Piero Ottone, editor-chefe do jornal de 1972 a 1977, explica a concepção da coluna e o convite a Pasolini. Questionado sobre a interessante novidade que o *Corriere* trazia ao possibilitar a circulação de ideias distantes e, por vezes, contrastantes com a posição política do periódico, Ottone conta que sua motivação para criar esse espaço no jornal foi levar ao público opiniões diversas de pessoas qualificadas, isto é, de intelectuais interessados no cotidiano italiano.

Se il giornale mira a convincere i lettori della bontà di una certa opinione, cerca di esporre soltanto quella data opinione e nessun'altra. Ma questa non è, secondo me, la funzione del giornale. La funzione vera è di aiutare il lettore a farsi lui la sua opinione, dandogli una possibilità di scelta. In omaggio a questi principi noi, nell'Occidente, deploriamo la scuola sovietica, che decide di inculcare negli allievi la dottrina marxista, e crediamo invece nella scuola liberale, che dovrebbe abituare l'allievo a pensare con la propria testa, indicandogli che uno stesso problema può avere molte soluzioni diverse, ed esponendone quante più è possibile: l'allievo sceglierà (OTTONE, 1978, pp. 111-114).

Com esse discurso confortável, pregando o liberalismo pedagógico e a liberdade de expressão, o jornalista acredita que a função do jornal já não é trazer notícias parciais, que influenciem inescrupulosamente seus leitores. Ao contrário, a função do jornal seria democratizar o acesso à informação e possibilitar ao público

uma maneira de ele mesmo formar sua opinião. A resposta do editor, por outro lado, ignora convenientemente os benefícios mercadológicos que esse tipo de discussão traria ao jornal, como o aumento das vendas e expansão de seu público leitor regular.

Na sequência, o entrevistador pergunta sobre a colaboração de Pasolini na configuração desse “novo *Corriere*”. Como o jornal chegara à escolha de convidar um escritor tão detestado por alguns e considerado louco por outros? Ottone responde que o convite surge devido a “uma primeira página um pouco fraca”. Além disso,

Ci si è arrivati, appunto, nella ricerca delle voci meno conformiste e meno tradizionali. Ho detto che noi credevamo nella circolazione delle idee: chi può far circolare le idee se non gli intellettuali, che sono i primi artefici delle idee nella società? La collaborazione di Pasolini trovò un'eco vasta, innanzitutto perché Pasolini era in un periodo di grazia in quei mesi. Scrisse alcuni articoli veramente belli e acuti. Noi contribuimmo a far sì che gli italiani si accorgessero dei suoi articoli, collocandoli in prima pagina (OTTONE, 1978, pp. 111-114).

Graças a essa irônica contribuição no jornal, Pasolini de fato passa a alcançar um público cada vez maior e mais popular. A circulação de suas ideias atinge patamares até então inéditos. Além disso, sendo mais lido, o autor teve também que lidar mais frequentemente com debates entre escritores-intelectuais diversos, o que era uma prática bastante comum nos jornais italianos. Por outro lado, podemos notar como a prática recorrente de troca de cartas e artigos entre os pensadores, pelos mais diversos jornais, não parece incomodar o escritor, que se utilizará muito desse tipo de recurso dialógico em seus textos. Para o editor-chefe, esse tipo de discussão intelectual tende a favorecer uma concepção mais atualizada da sociedade, pois esses textos possuíam também um caráter informativo. Os colunistas eram pessoas “que ajudavam a entender a sociedade” (OTTONE, 1978, p. 111).

Do ponto de vista do jornal, fica claro porque o convite foi feito, porém do ponto de vista de Pasolini foi uma surpresa ele ter aceitado tal convite, tendo em vista o perfil da publicação. Para compreendermos esse fato, retornaremos aos escritos da coluna “O Caos”, publicada no periódico *Tempo*³ no final dos anos de 1960, quando o escritor já havia levantado esse problema, já que o editor dessa revista também era “um capitalista”. Apesar disso, Pasolini acreditava ainda ser possível utilizar esse tipo

³ *Tempo*, “settimanale di politica, informazione, letteratura e arte”, foi fundado em 1939 pela Mondadori Editore e circulou até 1976.

de meio de comunicação, pois “é preciso *aproveitar* o tipo de produção atual enquanto não existir outro” (PASOLINI, 1982, p. 38). O que se dá a entender é que há plena consciência de que ser contra os meios de comunicação de massa não significa oposição total aos métodos burgueses de produção, afinal “(...) se lemos Marx e Lênin, é porque eles foram publicados por editores capitalistas burgueses” (PASOLINI, 1982, p. 38). Se não é possível combater os meios de comunicação capitalistas objetivamente, já que são eles que causam uma contaminação quase viral da sociedade, então é preciso fazer uso deles para combater seus próprios ideais, mesmo que esse uso seja *cínico*:

esse advérbio “cnicamente” refere-se a meu comportamento público, não pessoal: é uma afirmação ideológica. Aproveito-me das estruturas capitalistas para me expressar: e o faço, por isso, cnicamente (diante das figuras públicas dos meus ‘empregadores’, não da identidade pessoal deles) (PASOLINI, 1982, p. 38).

Ainda na coluna “O Caos”, em um artigo de 1968, o escritor responde a uma “carta desagradável” de um remetente audacioso. O leitor questiona o porquê de Pasolini ter saído de *Vie nuove*⁴ para *Tempo* e insinua que em breve o autor estará escrevendo para o *Corriere della Sera*. A essas constatações, o autor responde implacavelmente:

...o sistema (sinédoque para indicar o sistema capitalista) tem, na verdade, mecanismos através dos quais tudo o que é diferente e contrário é assimilado. Mas se isso é verdade abstratamente, no concreto a assimilação se dá através dos indivíduos: dos cidadãos. Ora, só o que é concreto é autêntico. E, a um autor, interessa apenas o que é concreto e autêntico. Se um só leitor assimila o que ele diz, e se nessa assimilação se realiza um ato de verdade (ainda que confusa e incerta), um intercâmbio democrático de saber, então o autor tem o dever de fazer tudo para atingir esse leitor. O que é um mal no nível abstrato (a assimilação pelo sistema) é um bem no concreto (a relação com o indivíduo) (PASOLINI, 1982, p. 54).

Pasolini não parece preocupado em se justificar ou se proteger das insinuações do leitor, pois as possíveis incoerências presentes em suas escolhas fazem, na verdade, parte de um projeto intelectual maior: o “intercâmbio democrático de saber”. Enquanto houver a possibilidade de atingir ao menos um leitor, então ele

⁴ Revista ligada ao Partido Comunista Italiano (PCI), fundada em 1946. Trazia junto ao título a informação de ser um “settimanale di politica, attualità e cultura”. Esses textos foram quase todos recolhidos por Gian Carlo Ferretti no volume *Le belle bandiere: dialoghi 1960-1965*, Roma: Editori Riuniti, 1977 (1ª ed.).

continuará escrevendo, independentemente do veículo de comunicação, porque o macro-prejuízo no nível abstrato, isto é, a “assimilação pelo sistema”, se justifica pelo micro-benefício concreto: um “ato de verdade” em relação a, pelo menos, um indivíduo. Não se fala sobre como Pasolini garantiria que a troca de experiência e conhecimento ocorrem por parte de seus leitores, afinal essa questão está além de seu alcance, mas o autor procura manter em seu discurso a ideia de que está tranquilo com sua atividade jornalística.

Porém, alguns críticos não aceitaram essa justificativa e trataram a escolha de escrever nesse tipo de jornal de maneira extremamente criteriosa. Rinaldi foi um dos mais exigentes, acusando o escritor de fazer parte do “jornalismo profissional”: “Pasolini entra in una macchina che lo condiziona, gli impone i ritmi di lavoro, i luoghi, le occasioni, e anche i temi. (...) il giornale chiede precisi servizi, pareri, giudizi su una serie di argomenti prestabiliti” (RINALDI, 1981, p. 97). E, a partir dessa visão marxista do que é trabalhar para um grande jornal, reduzindo o ato a produzir “serviços” para uma “máquina”, o crítico chega à conclusão de que esse último jornalismo de Pasolini é na verdade sinônimo de uma “alucinante indiferença”: “La vera posizione dell’ultimo giornalismo pasoliniano è proprio il vuoto, il suicidio, il ghetto, la neutralità. È la posizione di un intellettuale ormai inerte, immobile nella sua oscurità” (RINALDI, 1981, p. 95).

Por outro lado, para Alberto Abruzzese, no texto “Pasolini e l’industria culturale”, o uso que Pasolini faz dessa mesma máquina é tático:

Pasolini usa la macchina dell’industria culturale; la usa e molto spesso dichiara la sua spregiudicatezza nell’impiegare i diversi canali di comunicazione che esistono in una civiltà industriale; ma immediatamente ci tiene a precisare sempre che questo utilizzo è un fatto puramente strumentale, tattico. È la realtà che si *offre* intera e quindi offre anche i mezzi per essere attraversata secondo canali predeterminati; e Pasolini li usa, convinto sempre che nell’usarli possa mantenere la propria individualità e conservare quindi nei confronti dell’industria culturale, delle *tecniche* dell’industria culturale, un rapporto appunto distaccato, di tipo tattico (MORAVIA ET AL., 1978, p. 27).

Nesse caso, Pasolini estaria fazendo um uso instrumental da indústria cultural, como um meio de comunicação capaz de “manter a própria individualidade” e garantir uma linha de comunicação tática. O escritor, diante de sua preocupação com a

realidade, entende que é também essa mesma realidade que oferece os canais através dos quais se pode refletir sobre ela. Dá-se a entender que, na verdade, os limites dessa relação são conhecidos e por isso é possível compreender que a utilização dos meios de comunicação burgueses representa uma alternativa de combate com certos benefícios, como um maior alcance de público, além de, segundo o crítico Antonio Tricomi, oferecer a possibilidade de Pasolini se tornar um *opinionmaker*. Como defende Barbiellini Amidei, em um artigo de 1984, publicado no próprio *Corriere*, “la forza di Pasolini era di far diventare pasoliniana la pagina del giornale, piuttosto che far retrocedere la sua pagina a pagina giornalistica” (AMIDEI, 1984, p. 3).

Do jornal ao livro

Pasolini seleciona e publica então em livro, no ano de 1975, seus textos veiculados no *Corriere* durante os anos 1970. Tal escolha demonstra um certo interesse em garantir aos ensaios jornalísticos uma forma fixa e perene, diferentemente da efêmera relação com o jornal. Diante disso, o título dado ao livro, *Scritti corsari*, merece ser investigado.

Sabe-se, em primeiro lugar, que essa publicação foi concebida e organizada pelo próprio autor e reúne ensaios jornalísticos de cunho político e social⁵. É também o autor que dá o título à obra, ainda que não tivesse explicado o que pretendia dizer com o termo *corsário*.

Fazendo uma pesquisa em dicionários italianos, percebemos que o verbete “corsário” possui vários significados e adquiriu vários outros com o decorrer do tempo. Sua origem está no verbo latino “currere” e no substantivo “cursus-us”, que por extensão significa viagem pelo mar. Por conseguinte, o primeiro significado moderno do termo, e também o mais recorrente, faz referência aos navios corsários, os quais ficaram conhecidos por ser um tipo de pirataria oficial, isto é, as embarcações corsárias eram autorizadas pelo governo de sua nação a atacar e assaltar navios inimigos, praticando dessa forma a guerra de corsa. Diferencia-se de um pirata justamente por ser autorizado pelo Estado, ou seja, é um tipo de crime legalizado.

⁵ Pasolini já havia publicado outros livros de ensaios – a saber, *Passione e ideologia* (1960) e *Empirismo eretico* (1972).

Com o passar dos anos, outros significados são acrescentados ao termo, que passa a significar também aventureiro, saqueador, predador. Apesar de esses serem os significados mais comuns, destacamos dois casos interessantes para nosso trabalho. O primeiro se encontra no *Il dizionario della lingua italiana*, de 2000-2001. Para o verbete “corsaro”, dentre várias outras expressões, há uma entrada que nos chama a atenção: atribui-se um sentido figurado ao termo a partir do livro *Escritos corsários*: “fig. ‘Scritti corsari’, titolo di una raccolta di articoli di P. P. Pasolini (1922-1975), permeati di impegno civile e furore ideale ~ Anticonformista; privo di scrupoli”⁶. Atualizado em 2012-2013 como *Il Devoto-Oli: vocabolario della lingua italiana*, tira-se a referência ao livro de Pasolini e mantém-se apenas como sentido figurado os termos “anticonformista” e “sem escrúpulos”⁷.

Em outro dicionário, de 2008, cujo recorte temático é a memória coletiva italiana, o verbete *corsaro* redireciona para *poeta corsaro* e a seguinte definição:

Appellativo di Pier Paolo Pasolini (1922-1975), dopo la pubblicazione nel 1975 del volume *Scritti corsari*: una raccolta di interventi giornalistici di testimonianza e di critica sulla società contemporanea. L’aggettivo *corsaro* sembra ben caratterizzare l’atteggiamento tendenzialmente anarchico e provocatorio che li ha ispirati⁸.

74

Ambos os casos mostram que o livro de Pasolini foi utilizado como justificativa para a inserção de novas concepções ao termo *corsaro* na língua italiana. Nesse novo sentido adquirido, as referências mais claras estão relacionadas ao “empenho civil”, “furore ideológico”, “atitude anárquica e provocatória”. Ainda que o contexto dos primeiros significados de corsário não tivesse uma relação óbvia com essas referências, a escolha do escritor possibilitou que novas significações fossem incorporadas à língua

⁶ A definição completa do termo é “1. Pirata (quasi esclusivamente in senso proprio). 2. Capitano marittimo che prendeva parte alla guerra di corsa. 3. Come agg., dedito alla guerra di corsa o alla pirateria: *nave c.; equipaggio c.* / fig. “*Scritti corsari*”, titolo di una raccolta di articoli di P. P. Pasolini (1922-1975), permeati di impegno civile e furore ideale ~ Anticonformista; privo di scrupoli ~ Nel linguaggio giornalistico sportivo, squadra che riesce a vincere una difficile partita in trasferta: *l’Inter c. all’Olimpico*. [Dal lat. mediev. *corsarius*, der. di *currere* ‘correre’].” *Il dizionario della lingua italiana*. A cura di Giacomo Devoto e Gian Carlo Oli. Firenze: Le Monnier, 2000-2001, p. 534.

⁷ “1. Pirata (quasi esclusivamente in senso proprio). 2. Capitano marittimo che prendeva parte alla guerra di corsa. 3. Come agg., dedito alla guerra di corsa o alla pirateria: *nave c.; equipaggio c.* || fig. Anticonformista; privo di scrupoli | Nel linguaggio giornalistico sportivo, squadra che riesce a vincere una difficile partita in trasferta: *l’Inter c. all’Olimpico*. Dal lat. mediev. *corsarius*, der. di *currere* ‘correre’/ prima metà sec. XIV.” *Il Devoto-Oli: vocabolario della lingua italiana*. Org. L. Serianni e M. Trifone. Milão: Mondadori, 2012-2013, p. 709.

⁸ *Parole per ricordare: dizionario della memoria collettiva*. A cura di Massimo Castoldi e Ugo Salvi. Bologna: Zanichelli, 2008, p. 302.

italiana. Aliás, tal campo semântico diz muito sobre o papel que esses escritos desempenharam na sociedade italiana, figurando em sua memória coletiva até os dias atuais.

A crítica pasoliniana também se dedicou a pensar a relação do escritor com o termo escolhido para dar nome ao livro. Gianni Scalia, em texto de 1976⁹, entende que “Pasolini não falava como ‘cidadão’. Mas como corsário. Era i-legal, diverso, não-cidadão” (PASOLINI, 1982, p. 31). Para Guido Santato, a escolha do título remete diretamente à vontade de produzir intervenções rápidas e incisivas: “Anche nella formulazione del titolo *Scritti corsari* è un libro emblematicamente rappresentativo dell’ideologia anarchica e insieme dell’inesausta volontà di intervento” (SANTATO, 2012, p. 516). Já Marco Bazzocchi, em *Pier Paolo Pasolini*, diz que os ensaios são chamados de *corsários* “per la sua natura fuorilegge, rapida, incisiva” (BAZZOCCHI, 1998, p. 174). Por sua vez Pier Aldo Rovatti, em seu artigo “Che cos’è uno scritto corsaro?”, concluiu que

Corsari significa certo impertinenti e trasgressivi, che debordano dalle pertinenze del genere letterario e dalle regole ispirate alle convenzioni culturali. Oppure: che indossano l’abito severo dell’invettiva e della lucida predicazione, lanciando bordate contro i mali incurabili di un’Italia ormai precipitata nella miseria morale e intellettuale (ROVATTI, 2010, p. 61).

Se retomarmos o sentido primeiro de corsário, podemos pensar que ele consistia basicamente em uma maneira legal e autorizada de enfraquecer inimigos, já que o próprio Estado legitimava o curso e relativizava a possível ilegalidade da ação, eximindo o contraventor de qualquer culpa. Ou seja, corsário é aquele que age fora das regras convencionais, mas não conforme seus próprios interesses, afinal é legitimado por uma autoridade soberana (diferentemente dos piratas, por exemplo, que agiam conforme seus interesses pessoais). Em relação às concepções pasolinianas, defendidas pela crítica e incorporadas aos dicionários após a publicação de *Scritti corsari*, é possível constatar que o uso desse termo está relacionado a adjetivos como polêmico, anticonformista, transgressivo, ideológico, fora da lei.

Unindo as duas esferas de significação, podemos pensar então que, ainda que sejam textos que desafiem as leis convencionais, assim como os navios corsários, ou

⁹ Cf. Gianni Scalia, “Discorso parlato su Pasolini ‘corsaro’” in *Salvo imprevisti*, ano III, nº 1, 1976.

seja, ainda que sejam textos que fujam das regras temáticas e argumentativas convencionais, foram autorizados por alguma espécie de autoridade – foram vinculados a grandes jornais, depois publicados em livro, constantemente gerando grandes polêmicas e permanecendo no ideário da sociedade italiana. Por outro lado, notamos que Pasolini, diferentemente dos corsários dos séculos passados, não age em nome do Estado. O escritor parece antes escrever sob a proteção de seu compromisso com a realidade e com o esclarecimento político, ou seja, motivado por sua postura crítica em relação aos fatos que vinha observando na Itália. A *autoridade* que lhe permitiria agir seria sua crença de que é preciso esclarecer, de todas as formas possíveis, a realidade dos fatos e combater esse inimigo comum a todos os italianos, o neocapitalismo, que ameaçava o *verdadeiro progresso*¹⁰ do país.

Pasolini e seus escritos *corsários*

Na obra completa de Pasolini, *Scritti corsari* consta no volume *Saggi sulla politica e sulla società*¹¹, publicado em 1999 na coleção *I Meridiani* da Editora Mondadori. Porém a seleção dos textos que comporiam esse volume não foi uma tarefa fácil para os organizadores Walter Siti e Silvia De Laude, os quais explicam em nota à edição que a intenção era reunir os ensaios dedicados às questões de política, pedagogia, sociologia e antropologia. Em outros dois tomos¹² haviam sido recolhidos os ensaios sobre literatura, problemas linguísticos, cinema e arte figurativa. A dificuldade em selecionar esses textos se deu, na verdade, à complexidade em distinguir quais artigos abordavam especificamente quais temas, pois em geral havia

¹⁰ Pasolini define sua concepção do termo “progresso” em “Sviluppo e progresso” publicado em *Scritti corsari* (PASOLINI, 2001, p. 455).

¹¹ Volume único dividido em 8 seções: 1. *Saggi sparsi* (1942-1973); 2. *Scritti corsari* (1973-1975); 3. *Lettere luterane* (1975); 4. *Dichiarazioni, inchieste, dibattiti* (1959-1975); 5. *Dialoghi con i lettori* (1960-1970); 6. *Pasolini su Pasolini* (1968-1971); 7. *Il sogno del centauro* (1970-1975); 8. *Altre interviste* (1958-1975). Dessa série, Pasolini preparou apenas os livros *Scritti corsari*, o qual foi publicado antes da morte do autor, e *Lettere luterane*, organizado por Graziella Chiarcossi. *Saggi sparsi* compreende os ensaios não recolhidos em nenhum livro. Na seção *Dichiarazioni, inchieste, dibattiti* estão reunidas intervenções mais casuais, considerando que nesse sentido “intervenção” é um tipo de texto “spesso interrotto da domande, o comunque dalla voce altrui” (PASOLINI, 2001, p. CX). *Dialoghi con i lettori* é uma seleção das colunas que o escritor manteve nos periódicos *Vie nuove* e *Tempo*. As três últimas seções correspondem a entrevistas dadas pelo escritor, publicadas em livros ou não, de 1958 a 1975.

¹² *Saggi sulla letteratura e sull'arte* (2 vol.), Pier Paolo Pasolini. Coleção *I Meridiani*. Milão: Mondadori, 1999.

várias questões em um mesmo ensaio¹³. Bellocchio, que assina o prefácio “Disperatamente italiano” à edição, também observa essa particularidade dos ensaios de Pasolini: “il lettore che segua parallelamente gli *Scritti corsari* e *Descrizioni di descrizioni* constaterà di trovarsi davanti un unico discorso dove critica letteraria e saggismo politico si integrano vicendevolmente” (PASOLINI, 2001, p. XIV).

Chegou-se à conclusão de que, ainda que os temas literatura, cinema, política, economia sejam predominantes, é possível reconhecer um “discurso único” de Pasolini nos anos 1970, sobretudo pelo viés crítico de seus últimos escritos. Por isso, apesar das dificuldades, foi mantida a opção de recolher os ensaios em dois volumes. Nas palavras dos organizadores, separar os ensaios sociais e políticos foi importante para dar ao leitor uma verdadeira dimensão do que foram esses assuntos para o escritor nos anos 1970: “Crediamo che a vederli così raccolti, in un unico volume, i saggi politico-antropologici possano dare un’idea di quanto profonde fossero le radici del Pasolini polemista e ‘corsaro’ degli ultimi anni” (PASOLINI, 2001, p. CIX). Com essa declaração, podemos inferir que os organizadores, assim como grande parte da crítica, optaram por traçar uma linha pelos escritos políticos, tendo a intenção de destacar as raízes dos textos *corsários*.

Para compreender esse “Pasolini polêmico e corsário dos últimos anos”, é preciso passar por sua obra fundamental sobre o assunto, *Scritti corsari* (1975). Sabemos que esse livro foi organizado pelo autor e publicado antes de sua morte, em 1975. Nele estão reunidos os ensaios que o escritor publicou no jornal *Corriere della Sera* de janeiro de 1973 a fevereiro de 1975, além de alguns textos publicados em outros periódicos como *Tempo*, *Il Mondo*, *Panorama* etc., acrescidos de poucos inéditos¹⁴.

Na busca por caminhos que ajudem a compreender essa produção tão particular e o que de fato significa o *corsarismo* de Pasolini, é fundamental conhecer a “Nota introduttiva” escrita pelo próprio autor para abrir o livro. Reproduzimos o texto a seguir:

¹³ Os organizadores sugerem ainda que “questo volume dovrebbe essere letto tenendo sul tavolo gli altri due. E viceversa” (PASOLINI, 2001, p. CIX).

¹⁴ “Altra previsione della vittoria al *referendum*” (solicitado pelo periódico *Nuova generazione*, mas não chegou a ser publicado) (PASOLINI, 2001, p. 300), “Cani” (PASOLINI, 2001, p. 390), “Per l’editore Rusconi” (reproduzido apenas parcialmente em *L’Espresso*) (PASOLINI, 2001, p. 432), “Sviluppo e progresso” (PASOLINI, 2001, p. 455) e “Frammento” (PASOLINI, 2001, p. 525).

La ricostruzione di questo libro è affidata al lettore. È lui che deve rimettere insieme i frammenti di un'opera dispersa e incompleta. È lui che deve ricongiungere passi lontani che però si integrano. È lui che deve organizzare i momenti contraddittori ricercandone la sostanziale unitarietà. È lui che deve eliminare le eventuali incoerenze (ossia ricerche o ipotesi abbandonate). È lui che deve sostituire le ripetizioni con le eventuali varianti (o altrimenti accipere le ripetizioni come delle appassionate anafore).

Ci sono davanti a lui due "serie" di scritti, le cui date, incolonnate, più o meno corrispondono: una "serie" di scritti *primi*, e una più umile "serie" di scritti integrativi, corroboranti, documentari. L'occhio deve evidentemente correre dall'una all'altra "serie". Mai mi è capitato nei miei libri, più che in questo di scritti giornalistici, di pretendere dal lettore un così necessario fervore filologico. Il fervore meno diffuso del momento. Naturalmente, il lettore è rimandato anche altrove che alle "serie" di scritti contenuti nel libro. Per esempio, ai testi degli interlocutori con cui polemizzo o a cui con tanta ostinazione replico o rispondo. Inoltre, all'opera che il lettore deve ricostruire, mancano del tutto dei materiali, che sono peraltro fondamentali. Mi riferisco soprattutto a un gruppo di poesie italo-friulane. Circa nel periodo che comprende, nella prima "serie", l'articolo sul discorso dei blue-jeans Jesus (17 maggio 1973) e quello sul mutamento antropologico degli italiani (10 giugno 1974), e, nella "serie" parallela, la recensione a *Un po' di febbre* di Sandro Penna (10 giugno 1973), e quella a *Io faccio il poeta* di Ignazio Buttitta (11 gennaio 1974) – è uscito sul "Paese Sera" (5 gennaio 1974) – seguendo una nuova mia tradizione appunto italo friulana, inaugurata sulla "Stampa" (16 dicembre 1973) – un certo gruppo di testi poetici che costituiscono un nesso essenziale non solo tra le due "serie" ma anche all'interno della stessa "serie" prima, cioè del discorso più attualistico di questo libro. Non potevo raccogliere qui quei versi, che non sono "corsari" (o lo sono molto di più). Dunque il lettore è rimandato ad essi, sia nelle sedi già citate, sia nella nuova sede in cui hanno trovato collocazione definitiva, ossia *La nuova gioventù* (Einaudi Editore, 1975) (PASOLINI, 2001, pp. 267-268).

A primeira impressão que se tem ao ler essa nota é a de que Pasolini está preocupado em explicar a estrutura de *Scritti corsari*, isto é, sua composição, seus paralelos com outros escritos, as duas séries em que o livro está dividido e o que um leitor, responsável pela reconstrução dos textos, deve fazer diante deles. Segundo a leitura de Rinaldo Rinaldi, nesse tipo de procedimento há um "uso astutíssimo da retórica da não retórica", já que o escritor aparentemente delega "al dibattito, allo scambio reale dell'interlocuzione, tutta la responsabilità e il peso semantico" (RINALDI, 1981, pp. 101-102).

Talvez essa atitude de explicar as incompletudes do livro e atribuir ao leitor grande responsabilidade por sua reconstituição propõe uma composição conjunta do

livro, de forma que escritor e leitor, usando de seu “fervor filológico”, deverão trabalhar juntos na construção de interpretações e significados. Isso porque, paralelamente a essa postura de não autoridade que o ensaísta busca assumir, delega-se a quem ler seus ensaios a função de ir além do texto, ir além da mera esfera de comunicação. Espera-se (quase como uma exigência) que as lacunas incompletas dos ensaios sejam preenchidas a partir de um exercício filológico de busca por elementos externos – isto é, por outros livros, outros veículos de comunicação, cartas etc.¹⁵

A incompletude da obra, por sua vez repleta de “momentos contraditórios”, “eventuais incoerências”, “repetições” e “hipóteses abandonadas”, parece ser uma característica pertinente ao tipo de ensaio jornalístico que trata com muita proximidade os acontecimentos cotidianos, os quais estão sempre em processo de mutação. Entendendo que esses escritos são atitudes críticas sobre o presente, uma hipótese pensada hoje sobre algo que acabou de acontecer pode eventualmente ser descartada amanhã. Ademais, devemos nos lembrar de que esses ensaios foram escritos no intervalo de três anos, de forma que se referem a passagens históricas diversas.

Nesse sentido, hierarquizando alguns ensaios em relação a outros, a nota dá ainda indicações específicas sobre a organização do livro em duas séries, “una ‘serie’ di scritti *primi*” e “una più umile ‘serie’ di scritti integrativi, corroboranti, documentari” (PASOLINI, 2001, p. 267). Passa-se a ideia de que as séries deverão ser lidas conjugadas, sobretudo a segunda como complemento à primeira. Essa organização atribui à obra certa fluidez, pois os ensaios não precisam ser necessariamente lidos em sequência, ou seja, vai-se e volta-se de uma série a outra em um exercício contínuo de leitura. Porém, por que o escritor opta por atribuir a uma parte a função de complementar a outra? O que o leva a considerar alguns textos como mais “documentários” do que outros?

¹⁵ Pasolini, na nota introdutória, indica aos seus leitores os versos de *La nuova gioventù* (1975), livro em que publica a refeitura dos poemas friulanos de *La meglio gioventù* (1954). Não iremos explorar a relação entre os dois livros nesse trabalho, pois o assunto é complexo e renderia uma nova pesquisa. Entretanto, reproduzimos a seguir a relação feita por Guido Santato: “La seconda stesura [*La nuova gioventù*] rappresenta la negazione ‘attualizzata’ della prima. Il carattere ‘attualizzante’ di questi rifacimenti emerge in particolare con l’inserimento all’interno del testo di alcuni vistosi riferimenti al presente storico, politico e personale che riprendono le polemiche sviluppate da Pasolini negli interventi giornalistici raccolti in *Scritti corsari*” (SANTATO, 2012, p. 512).

Para tentar responder a essas questões é preciso ter em mente que “Documentos e anexos”, nome dado à segunda parte de *Scritti corsari*, evidencia um particular entrelaçamento de temas políticos e literários. “Sandro Penna: *Un po’ di febbre*”, “Don Lorenzo Milani: *Lettere alla mamma (o meglio: Lettere di un prete cattolico alla madre ebrea)*”, “Andrea Valcarenghi: *Underground: a pugno chiuso*”, “Giovanni Comisso: *I due compagni*”, entre outros, são ensaios que se encontram no limite entre uma resenha literária e uma análise sociológica. Portanto, os livros resenhados representam um pressuposto para o autor desenvolver suas críticas ou, antes, são resenhados justamente por ser uma maneira de o escritor discutir seus pensamentos. Por isso provavelmente são entendidos como complementos aos ensaios mais *declaradamente* políticos.

Essas constatações acerca da participação dos leitores na reconstrução dos ensaios, da integração entre as duas séries do livro e entre outras obras, nos permitem perceber um caráter pouco rígido ou pouco imutável de *Scritti corsari*. As sugestões de Pasolini sobre o constante movimento de busca do leitor por outros ensaios ou até mesmo por poemas ou escritos, dele e de outros autores, isto é, textos externos ao livro, nos levam a pensar em uma obra que sempre poderá se refazer, se reestruturar, afinal cada leitura pode ser uma nova experiência. Nesse sentido, a estruturação dos ensaios *corsários* parece acompanhar justamente o fluxo de pensamentos tão particular ao ensaísmo de Pasolini, o qual busca, nas mais diversas fontes, indícios e argumentos para desenvolver suas análises.

Uma das grandes questões que se colocam é como um processo de escrita seria capaz de reproduzir essa fluidez de pensamento, ou seja: como marcar com palavras o processo de reflexão do autor? Evidentemente essa indagação está intrinsecamente ligada, no caso do ensaísmo *corsário*, à característica jornalística desses textos, que deverão operar também com recursos retóricos e argumentativos a fim de envolver o maior número de leitores possível. Além disso, quando ganham colocação definitiva em livro, tem-se a ideia de que os textos devem ser construídos e complementados constantemente pela busca filológica do leitor e do escritor.

Bellocchio nota então que o *corsarismo* é responsável por uma reinvenção nos escritos pasolinianos:

stavolta Pasolini dà un nuovo ordine retorico-stilistico al suo discorso, rendendolo immediatamente percepibile, anzitutto a livello emotivo. Tattico geniale, afferra l'opportunità di disporre del primo giornale italiano e la sfrutta a fondo (BELLOCCHIO IN PASOLINI, 2001, p. XXXVI).

Ao começar a escrever para o maior jornal italiano, Pasolini se mostra consciente do alcance que isso terá e, por isso, taticamente encontra um novo campo de recursos estilísticos que buscarão garantir a comunicabilidade de seus ensaios. Para o crítico, o escritor desenvolve uma nova maneira retórico-estilística de escrever seus ensaios, a fim de aproveitar ao máximo essa oportunidade. Na prática, Pasolini reveste sua escrita com táticas discursivas, como repetições e simplificações, as quais, ainda segundo Bellocchio, visam sobretudo garantir a força comunicativa com seus leitores, necessária para a compreensão de suas análises. Porém, à procura dessa interação, seus ensaios são compostos em linhas vertiginosas que por vezes se repetem constantemente.

Considerações finais

O estudioso Alfonso Berardinelli observa as particularidades do ensaísmo jornalístico de Pasolini e, indo além, defende que cada ensaio pasoliniano passa a ser uma unidade de um discurso maior, “orgânico”:

Ogni singolo articolo era la cellula di un discorso organico che si sviluppava attraverso la ripresa, l'illustrazione e l'applicazione di poche idee-guida estratte dal senso comune intellettuale o trascritte dalla sociologia: ma poi reinventate, enfatizzate, metaforizzate dallo scrittore e trasformate in efficientissime armi leggere in una guerra intellettuale “corsara” (BERARDINELLI, 2008, p. 153).

Cada artigo publicado, por mais que varie em sua abordagem ao repetir ideias por vezes elementares já expostas anteriormente, compõe um discurso único, orgânico, que fica cada vez mais evidente quando ganha colocação definitiva em livro. Umas poucas “ideias-guia” acabavam sendo reinventadas, transformadas, metaforizadas pelo autor, e garantiam a eficiência de seus discursos. Afinal, “è proprio l'elementarità della cultura teorica dello scrittore a rendere così efficiente ed efficace la sua saggistica” (BERARDINELLI, 2008, p. 153).

Essa ideia também aparece no prefácio que Berardinelli escreveu à edição de 1990 de *Scritti corsari*¹⁶, onde o crítico defende que *o que* o escritor falava não trazia nenhuma novidade do ponto de vista dos estudos sociológicos, econômicos e políticos – “I critici dell’idea di progresso, della società di massa, della mercificazione totale, avevano già detto da tempo tutto ciò che c’era da dire” (BERARDINELLI, 1990, p. 163) –, entretanto os ganhos do livro se encontravam sobretudo em *como* essas coisas eram ditas. Tendo novamente como horizonte a eficiência e o alcance do discurso de Pasolini, o crítico observa que os conceitos sociológicos e políticos existentes em seus textos eram readaptados e utilizados como “evidenze fisiche, miti, storie della fine del mondo” (BERARDINELLI, 1990, 164). Reaproveitadas segundo um olhar crítico de quem está escrevendo para um grande jornal de circulação nacional, essas novas conceituações apareciam como exemplos, mitos, histórias, observações comportamentais. Nesse sentido, foram responsáveis por dar forma a análises que, apesar de se referirem a pontos elementares da sociologia, por exemplo, são eficazes justamente pela capacidade do escritor de recriá-las segundo seus próprios termos e de torná-las acessíveis.

REFERÊNCIAS

- AMIDEI, G. Barbiellini. (1984). *Pasolini giornalista fu anche uno stile*. Corriere della Sera, 5 out.
- BAZZOCCHI, Marco Antonio. (1998). *Pier Paolo Pasolini*. Milão: Bruno Mondadori.
- BERARDINELLI, Alfonso. (1990). *Tra il libro e la vita: situazioni della letteratura contemporanea*. Turim: Bollati Boringhieri.
- _____. (2008). *La forma del saggio: definizione e attualità di un genere letterario*. Veneza: Marsilio Editori.
- FERRUCCI, Franco. (1980-1981). *Il J’accuse di Pasolini*. Italian Quarterly, year XXI-XXII, n. 82-83.
- GOLINO, Enzo. (1980-1981). *Gli scritti politici di Pasolini*. Italian Quarterly, year XXI-XXII, n. 82-83.

¹⁶ Texto também publicado no livro *Tra il libro e la vita: situazioni della letteratura contemporanea* (BERARDINELLI, 1990) como a segunda parte, “Luterano e corsaro”, do capítulo “Pasolini, stile e verità”.

MORAVIA, A.; NICOLINI, R.; SICILIANO, E.; RONCAGLIA, A. et al. (1978). *Per conoscere Pasolini*. Roma: Bulzoni & Teatro Tenda Editori.

OTTONE, Piero. (1978). *Intervista sul giornalismo italiano*. Org. Paolo Murialdi. Roma-Bari: Laterza.

PASOLINI, Pier Paolo. (1982). *Caos: crônicas políticas*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense.

_____. (2001). *Saggi sulla politica e sulla società*. In: *I Meridiani*. Org. Walter Siti. Milão: Mondadori.

RINALDI, R. (1981). *Dall'estraneità: tra il giornalismo e il saggismo dell'ultimo Pasolini*. Sigma, XIV, 2-3, mag.-dic.

ROVATTI, Pier Aldo. (2010). *Che cos'è uno scritto corsaro?*. Aut Aut: inattualità di Pasolini, Milão, nº 345, p. 61. Disponível em <<http://autaut.ilsaggiatore.com/2011/09/345-inattualita-di-pasolini/>>. Acesso em 4 de outubro de 2016.

SANTATO, Guido. (2012). *Pier Paolo Pasolini: l'opera poetica, narrativa, cinematografica, teatrale e saggistica: ricostruzione critica*. Roma: Carocci.

SCHWARTZ, Barth David. (1992). *Pasolini Requiem*. Nova Iorque: Vintage.

TRICOMI, Antonio. (2005). *Sull'opera mancata di Pasolini: un autore irrisolto e il suo laboratorio*. Roma: Carocci.

SOBRE A AUTORA: Doutoranda em Teoria e História Literária pelo IEL-Unicamp com o projeto "A importância de Pasolini no jornalismo italiano de 1970". Possui Bacharelado em Estudos Literários (2011) e cursa Licenciatura em Letras. Ainda na Unicamp, no início de 2015, concluiu a pesquisa de mestrado "O ensaísmo corsário de Pier Paolo Pasolini", sob orientação da Profa. Dra. Maria Betânia Amoroso, com financiamento FAPESP. As principais áreas de interesse são: Literatura italiana, Pier Paolo Pasolini, Ensaísmo, Jornalismo, Atuação intelectual, Educação.